

Para citar esse documento:

KATZ, Helena. Do homo oeconomicus ao homo politicus: a dança na cidade de São Paulo. *Anais do V Encontro Científico Nacional de Pesquisadores em Dança*. Natal: ANDA, 2017. p. 945-959.



www.portalanda.org.br

DO HOMO OECONOMICUS AO HOMO POLITICUS: a dança na cidade de São Paulo

Helena Katz (PUC-SP) #

Resumo: Este artigo propõe conjugar dois eixos de discussão para pensar a situação recente de dança na cidade de São Paulo. O primeiro diz respeito ao impacto do viver em um mundo cada vez mais conectado, que agora adentra a fase denominada de Internet das Coisas, na qual as máquinas se comunicam entre elas (M2M, *machine to machine*, isto é, máquina com máquina). Este modo de viver gesta hábitos cognitivos que não ficam retidos somente ao momento das práticas digitais, pois migram para os contatos presenciais e produzem formas de sociabilidade com as quais ainda estamos nos familiarizando. E o segundo eixo refere-se ao triunfo do *homo oeconomicus* sobre o *homo politicus* (Brown, 2015), que ocorre dentro de um fenômeno que pode ser descrito como “economização” da vida (Caliskan e Collon, 2009, apud Brown, 2015). A “economização” identifica o estágio do neoliberalismo no qual estamos, caracterizado pela exportação da lógica econômica para todos os setores da vida. E quando se passa “a pensar a vida através de normas de mercado”, tal como sucedeu com o que se gestou a partir da implantação da Lei de Fomento à Dança na cidade de São Paulo (2006), mesmo sem nos darmos conta, estamos praticando aquilo que Manovich (2013) chama de “lógica do software”. A hipótese aqui proposta é a de que cabe relacionar o *homo oeconomicus* com o sujeito empreendedor de si (Dardot e Laval, 2016) para lidar com o momento político que a dança vive na cidade de São Paulo. A aproximação entre eles se apoia no entendimento de que corpo e ambiente estão co-implicados (Teoria Corpomídia, Katz e Greiner), o que explica a similaridade de suas estruturas lógicas, e que ela escoe para o corpo que faz e que assiste dança.

Palavras-chave: *homo oeconomicus*. *homo politicus*. corpomídia. sujeito empresa de si mesmo.

Abstract: This article proposes to conjugate two axes of discussion to think about the recent situation of dance in the city of São Paulo. The first concerns the impact of living in an increasingly connected world, which now enters the phase called the Internet of Things, in which machines communicate between them (M2M, machine to

machine). This way of living creates cognitive habits that are not only retained at the moment of digital practices, because they migrate to face-to-face contacts and produce forms of sociability with which we are still familiarizing ourselves. And the second axis refers to the triumph of *homo oeconomicus* on *homo politicus* (Brown, 2015), which occurs within a phenomenon that can be described as "economization" of life (Caliskan and Collon, 2009, apud Brown, 2015). "Economization" identifies the stage of neoliberalism in which we are living now, characterized by the export of economic logic to all forms of life. And when we start "thinking about life through market norms", as happened with what was born from the implementation of the Law of Promotion to Dance in the city of São Paulo (2006), even without realizing it, we are practicing what Manovich (2013) calls "software logic". The hypothesis proposed here is that *homo oeconomicus* should be related to the entrepreneurial subject (Dardot and Laval, 2016) to deal with the political moment that the dance lives in the city of São Paulo. The rapprochement between them rests on the understanding that body and environment are co-implicated (Corpusmedia Theory, Katz and Greiner), which explains the similarity of their logical structures, and flows to the body that does and watches dance.

Keywords: *homo oeconomicus*. *homo politicus*. corpusmedia. subject promoter of himself.

Fora do clube dos cientistas, pouca gente prestou atenção à descoberta do trio de físicos¹ que revelou ao mundo, em fevereiro de 2017, a primeira colisão cósmica de dois buracos negros, confirmando que as ondas gravitacionais que Einstein havia enunciado em 1916, existem mesmo. E por que isso teria alguma importância? Porque depois dela, a observação cosmológica, que se fazia exclusivamente através da luz, passou a poder ser feita através do som. E como 95% do cosmos é composto de matéria ou energia na escuridão, essa descoberta pode se tornar um marco divisor entre antes e depois. Ou seja, há uma nova trilha sonora no Universo (captada em 14 de setembro de 2015, e mantida em segredo

¹ Rainer Weiss, do MIT, Kip Thorne e Ronald Drever, do Instituto de Tecnologia da Califórnia (Caltech)

até fevereiro de 2016), e ela é considerada o mais poderoso acontecimento desde o Big Bang. Não é pouca coisa. Vivemos um momento como aquele em que Galileu apontou seu telescópio para o céu sem saber o que iria encontrar. Janna Levin, Tow Professor de Física e Astronomia no Barnard College, da Columbia University, lançou um livro sobre o assunto, já traduzido pela Companhia das Letras².

No entanto, a importância que cerca esse fato não teve a força necessária para transformá-lo em um assunto conhecido por todos, ele não viralizou nas redes sociais, nem nas conversas *off line*. E se isso pode acontecer com algo de tal vulto, podemos fazer desse exemplo uma moldura para a pouca visibilidade do peso do *homo oeconomicus* no mundo no qual vivemos, na comunicação que nos engolfa e no que a sua presença significa para a produção em dança no nosso país. Reconhecer a proliferação dos *homines oeconomici* se torna um pré-requisito para compreender que o que poderia parecer assunto de outro campo de conhecimento (no caso, da Economia) diz respeito, de forma muito direta e determinante, ao que se cria em dança nos dias que correm. Se a arte e os artistas colaboram para a qualidade do viver, não há como ignorar o que vem sucedendo com a vida desde que o *homo oeconomicus* passou a reger as formas de existência.

Wendy Brown (2015) nos ajuda a ver que não são apenas os valores econômicos que se sobrepõem aos políticos, mas que o *homo oeconomicus* se tornou normativo em todas as esferas. A criatura cujas necessidades podiam ser atendidas nas diversas modalidades de escambo que ia inventando, se transformou em um empreendedor de si mesmo, fazendo-se o seu próprio capital, o seu próprio produtor e a fonte de seus ganhos, realizando o que Foucault havia enunciado nas

² LEVIN, Janna. **A Música do Universo e Outras Canções do Espaço**, São Paulo: Companhia das Letras, 2016

palestras de 1978-79, no Collège de France, quando identificou a mudança do liberalismo econômico clássico para o neoliberalismo, com o homem deixando de ser a criatura que tinha as suas necessidades satisfeitas nas trocas para se tornar um empreendedor de si mesmo.

Como se sabe, o *homo oeconomicus* não nasce, ele é criado. O indivíduo, por livre e espontânea decisão, se submete a princípios flexíveis que o tornam governável pelas leis econômicas de mercado. A dança produzida na cidade de São Paulo a partir da instituição, em 18 de outubro de 2005, da Lei 14.071, de Fomento à Dança, com vetos que instabilizam a sua existência, exemplifica bem essa situação de submissão voluntária. Se hoje tornou-se urgente compreender porque a fragilidade que era evidente no que foi sendo vivido como o melhor dos mundos não se tornou operacional para a sua transformação, vale lembrar que essa dificuldade já estava presente no nascimento da Lei. Naquele momento, a importância da sua conquista anestesiou a necessidade de se continuar a luta pela sua vinculação ao orçamento nos moldes legalizados na Lei de Fomento ao Teatro – equiparação que, até hoje, não foi conseguida.

Parece que a ação do *homo politicus* que faltou lá, naquele início, já apontava para o nascimento do *homo oeconomicus*, pois continuou faltando depois, impedindo que se percebesse que a abundância de recursos que inundou as relações de produção seria sazonal e não se eternizaria. O *homo oeconomicus* se fortaleceu sem conseguir identificar que a Lei de Fomento instaurava uma espécie de *polis* privatizada e exclusiva somente para alguns, aqueles que pudessem se reunir debaixo de uma mesma identificação (dança contemporânea). Essa pequena polis excluía muitos, mas essa não era uma questão pela qual os incluídos se sentiam convocados, pois já viviam uma situação (estabelecida pelo reino dos

editais) que os desobrigava da mútua dependência para exercer a liberdade artística. A condição de governarem-se com os outros, com os seus pares – condição do *homo politicus* – encolheu a população dos pares a ponto de reduzi-la aos iguais,

Mas será que isso não vinha de encontro ao que estava acontecendo aos que tinham passado os últimos anos na frente das telas, treinando relacionamentos com tudo e com todos a partir somente dos seus desejos e vontades, deletando o que incomoda e apoiando o que combina com o seu modo de ver? Uma vez que corpo e ambiente se co-determinam, tantas horas na frente das telas terminaria por produzir novos hábitos cognitivos, que passariam a irrigar os modos de viver em sociedade. A consolidação desses hábitos deu nascimento a sujeitos identificados como membros do planeta *Me Myself and I*. A exacerbação do eu e do mim passou a ser uma senha de acesso a uma nova forma de sociabilidade, e também uma espécie de comportamento adaptativo para as outras formas de convivência que passaram a ser desenvolvidas.

Ligando os dois eixos

Sujeitos treinados em uma convivência sem necessidade de acordos desabilitam a sua capacidade em lidar com o outro na diferença que os separa, esquecem que a divergência não se torna um impedimento para o convívio e a cooperação, e se organizam em uma sociedade habitada pelos que olham para o mundo pela lente do *Me Myself and I*. Sujeitos auto-centrados, que se auto-autorizam ao que desejarem fazer, reúnem o necessário para se tornarem exemplos

do *homo oeconomicus*. Seus novos hábitos cognitivos, desenvolvidos na vida *on line* e escorridos para a vida *off line*, tecem a sintonia entre o *Me, Myself and I* e o *homo oeconomicus*, e ela não cessa de ser aprimorada, pois passamos a viver em uma sociedade administrada como se fosse uma empresa. Dardot e Laval (2016, p.333) chamam o sujeito que agora materializa o *homo oeconomicus* de sujeito “empresa de si mesmo”.

Trata-se do indivíduo competente e competitivo, que procura maximizar seu capital humano em todos os campos, que não procura apenas projetar-se no futuro e calcular ganhos e custos como o velho homem econômico, mas que procura sobretudo trabalhar a si mesmo com o intuito de transformar-se continuamente, aprimorar-se, tornar-se sempre mais eficaz. O que distingue esse sujeito é o próprio processo de aprimoramento que ele realiza sobre si mesmo, levando-o a melhorar incessantemente seus resultados e seus desempenhos, (DARDOT e LAVAL, 2016, p.333).

Não à toa, o mundo que surgiu com a Lei de Fomento à Dança foi desenhado pela exigência das pessoas físicas que produziam dança na cidade de São Paulo se transformarem em pessoas jurídicas. Regulados pela periodicidade dos editais, seus processos de produção foram, pouco a pouco, ecoando o que Manovich (2013) chamou de “lógica do software”, que já vinha domesticando nossos comportamentos. Ela se refere ao fato de que a maioria de nós passou a atuar no mundo do mesmo modo como lida com os softwares que usa, ou seja, esperando eficiência e velocidade nos desempenhos de tudo o que nos cerca. Os outros, as coisas, nós mesmos, nada escapou da lógica apoiada no “servir para” que estrutura um software. Nem mesmo as criações, que passaram a atender aos editais.

Para resumir: nossa sociedade contemporânea pode ser caracterizada como uma *sociedade software* e a nossa cultura pode ser justificadamente chamada de *cultura software* – porque hoje o software tem um papel central em dar a forma para ambos, para os elementos materiais e para muitas das estruturas imateriais que, juntas, põem a “cultura” de pé (MANOVICH, 2013, p.33)³

Mudanças a caminho

Entendendo hábito como uma tendência adquirida "para comportar-se de forma similar sob circunstâncias similares no futuro" (Peirce, CP 5.487), cabe atentar para dois traços recentes e importantes. Um deles diz respeito ao fato de que esse futuro agora traz outras formas de convívio com os objetos, pois eles estarão conectados e se comunicando entre si, encenando o que se chama de Internet das Coisas, um mundo novo, também identificado como M2M (em inglês, *machine to machine*, ou seja, de máquina para máquina), mundo no qual as máquinas se comunicam com outras máquinas sem a mediação de um humano.

Essa nova situação, com carros sem motoristas e geladeiras que enviam listas de compras ao supermercado, modifica a relação ontológica até hoje mantida entre sujeitos e objetos. Se quando o ambiente se modifica, o corpo também se modifica, estamos passando para um novo estágio de transformações de nossos hábitos cognitivos. E se o corpo se transforma, a dança que ele faz também será

³ “To summarize: our contemporary society can be characterized as a *software society* and our culture can be justifiably called a *software culture* – because today software plays a central role in shaping both the material elements and many of the immaterial structures that together make up “culture”. (MANOVICH, 2013, p.33).

transformada. Isso se dá porque o cérebro, que tem 100 bilhões de neurônios que produzem trilhões de conexões, e opera com cerca de 25 watts de potência, trabalha com uma lógica atada à sua anatomia, o que implica em conhecê-la para se compreender como funciona (Chatterjee, 2014, p.24).

Sucedee que na virada do século XXI, “a quantidade exagerada de informação e de tecnologias que a sustentam mudaram a maneira como usamos o cérebro “ (Levitin, 2015, p.42). Aprendemos a atuar fora do sistema de atenção focada que nos ajudou a treinar a selecionar as informações que mais importavam para a nossa sobrevivência. Hoje, fazemos muitas coisas ao mesmo tempo e, em breve, vamos aprender a conviver com máquinas que falam conosco e entre si. As redes de neurônio no córtex pré-frontal, sensíveis à dopamina, que cuidam da atenção, já se preparam para estes novos desafios.

As inovações deste mundo de tecnologia conectando centenas de objetos do cotidiano vão estabelecer um fluxo inédito com nossos corpos, que desenvolverão outras habilidades cognitivas. Com elas, produziremos e assistiremos a dança que será feita.

À medida que aprendemos mais sobre as habilidades dos seres humanos para sentir e responder à tecnologia, e à medida que inventamos novas tecnologias para detecção e novos materiais para sinalização, a capacidade dessas equipes para criar experiências novas e sempre mais encantadoras se expandirá exponencialmente(ROSE, 2014, p.268)⁴

E o outro traço que precisa ser levado em conta é o que identifica aquilo que vem fazendo a nova gestão que assumiu a Secretaria Municipal de Cultura na

⁴ “As we learn more about the abilities of humans to sense and respond to technology, and as we invent new technologies for sensing and new materials for signaling, the capacity for these teams to create new and ever-more-enchancing experiences will expand exponentially” (ROSE, 2014, p.268).

cidade de São Paulo, em janeiro de 2017. Ao esvaziar a Lei de Fomento à Dança das suas características estruturantes, inaugurou um ambiente muito distinto daquele que, nos últimos 11 anos, pautou a criação e difusão da dança na cidade. A profunda alteração em um cenário que, por mais de uma década, alimentou a produção local, evidentemente, terá consequências profundas, sobretudo porque desmascaram a falsa estabilidade que travestia uma situação frágil, que havia ganhado ares confiáveis.

Assim, novamente os dois eixos se atravessam, instabilizando as possibilidades preditivas do que continuará a ser produzido aqui sob a denominação de dança.

Referências bibliográficas:

BROWN, Wendy. **Undoing the Demos.** Neoliberalism's Stealth Revolution. New York: Zone books, 2015.

CHATERJEE, Anjan. **The Aesthetic Brain.** How We Evolved to Desire Beauty and Enjoy Art. Oxford University Press, 2014.

DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian. **A Nova Razão do Mundo.** Ensaio sobre a Sociedade Neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

LEVIN, Janna. **A Música do Universo,** São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LEVITIN, Daniel J. **A Mente Organizada.** Como pensar com clareza na era da sobrecarga de informação. Tradução de Roberto Grey. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

MANOVICH, Lev. **Software Takes Command.** New York e Londres: Bloomsbury, 2013.

PEIRCE, C. S. **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce** . Ed. C. Hartshorne and P. Weiss. Edição eletrônica reproduzindo os seis primeiros volumes.

Cambridge: Harvard University Press, (1866-1913) 1994. (citado aqui como CP, seguido pelos números referentes a volume e parágrafo

ROSE, David. **Enchanted Objexts**. New York: Simon & Schuster, 2014.

katz@ced.pro.br

Professora no curso Comunicação das Artes do Corpo e no Programa em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. Coordenadora do Centro de Estudos em Dança – CED